

## CHEGANDO AO CAMPO: uma perspectiva goffmaniana da interação entre pesquisador e entrevistados em um estudo de Comunicação

APPROACHING THE FIELD: a goffmanian perspective of researcher-interviewees interaction in Communication Research

LIEGANDO EN EL CAMPO: una perspectiva goffmaniana de la interacción entre investigador e los entrevistados en una investigación en Comunicación

### Helena M. Schröter

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero.  
[helena97msch@gmail.com](mailto:helena97msch@gmail.com)

 0009-0008-9739-1365

### Luis Mauro Sá Martino

Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Graduado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Bolsista de Produtividade PQ2 no CNPq.  
[lmsamartino@gmail.com](mailto:lmsamartino@gmail.com)

 0000-0002-5099-1741

Correspondência: Faculdade Cásper Líbero. Pós-Graduação. Avenida Paulista, 900, 5º Andar. São Paulo – SP, CEP 01310-940, Brasil.

Recebido em: 12.01.2023.

Aceito em: 16.03.2023.

Publicado em: 12.03.2023.

### RESUMO:

Este artigo delinea algumas questões metodológicas levantadas durante a realização de uma pesquisa de graduação em Comunicação sobre focos no ambiente escolar realizada em uma instituição particular de São Paulo. O foco do texto, na perspectiva da micro-análise de Goffman, é o momento inicial de interação entre o sujeito-pesquisador e a turma de alunos da entrevista. São destacados três aspectos: (1) os bastidores da pesquisa e a preparação para o campo; (2) a chegada e a apresentação mútua entre sujeito-pesquisador e os participantes e (3) o estabelecimento de uma situação de aceitação e familiaridade. Esses elementos são discutidos contra o pano de fundo das questões teóricas e metodológicas da Comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Metodologia; Pesquisa de Campo; Subjetividade; Pesquisa em graduação.

## Introdução

Em uma conferência feita em 1974 na Associação de Sociologia do Pacífico sobre o trabalho de campo, o sociólogo canadense Erving Goffman (1989, p. 130) destacou o momento de chegada do pesquisador ao ambiente de estudos, destacando que “no primeiro dia [de campo] você verá mais coisas do que jamais verá novamente”. Goffman parece dedicar às questões metodológicas o mesmo olhar em escala micro com o qual focaliza seus objetos de estudo, preocupando-se com os detalhes da experiência e, sobretudo, com as condições de interação entre o sujeito pesquisador e o sujeito de pesquisa. Nessa conferência, em particular, o autor menciona esse momento crucial na experiência de pesquisa, o contato inicial com o campo.

“Campo”, aqui, é entendido em sentido amplo, como procedimentos ou uso de técnicas que se opõem à pesquisa “de gabinete” ou “documental”. Na medida em que implicam, de alguma forma, o contato do pesquisador ou pesquisadora com situações

externas, entrevistas, grupos focais e, sobretudo, a observação, constituem técnicas relacionadas ao campo.

Ir ao encontro de uma alteridade, com a qual existe a perspectiva de criação de um saber relacionado à pesquisa, retomando Martino e Marques (2018), apresenta-se como desafio metodológico e subjetivo, na medida em mobiliza não só um conhecimento das técnicas, mas igualmente aciona uma dimensão afetiva. No caso deste texto, trata-se da entrevista em grupo, realizada com alunas e alunos da 5a. série de uma escola particular na cidade de São Paulo.

Se a situação é desafiadora mesmo para pesquisadoras e pesquisadores experientes, nas pesquisas de graduação o contato primeiro com o campo é revestido de uma série de expectativas, inquietações e hesitações. É, portanto, também uma oportunidade de reflexão sobre a prática acadêmica em pelo menos dois níveis: de um lado, o aspecto pedagógico e formativo da experiência de “ir a campo”; de outro, uma dimensão epistemológica situada nas questões referentes não apenas à “obtenção dos dados”, mas também em sua validade e no lugar da pesquisadora ou pesquisador frente ao campo.

O contato inicial com o campo, por mais preparado que esteja o olhar da pesquisadora ou pesquisador, parece ter sempre um elemento de surpresa, de espanto e mesmo de desordem ou desorganização, raramente coincidindo com o que foi lido e estudado a respeito – a realidade parece desmontar a ordem epistemológica aprendida antes do tempo de campo.

Este artigo delinea algumas questões metodológicas levantadas durante a realização de uma pesquisa de graduação em Comunicação sobre fofocas e rumores no ambiente escolar realizada em uma instituição particular de São Paulo por um dos autores do texto (Autora, 2019). O foco, na perspectiva da micro-análise de Goffman, é o momento inicial de interação entre o sujeito-pesquisador e a turma de alunos com a qual foi realizada a entrevista. Trata-se de observar as questões dessa situação interacional primeira, isto é, a chegada da pesquisadora no local, a escola, e o encontro com as pessoas a serem entrevistadas, alunas e alunos.

Esse momento inicial da interação revelou-se indicativo de algumas das questões envolvendo a elaboração das respostas, por parte das crianças entrevistadas, sobretudo em duas linhas principais de interação – horizontalmente, entre elas, e verticalmente, com a pesquisadora. São destacados três aspectos dessa interação: (1) os bastidores da pesquisa e a preparação subjetiva para o campo; (2) a chegada e a apresentação mútua entre sujeito-pesquisador e os participantes e (3) o estabelecimento de uma situação de aceitação e familiaridade a partir da qual a pesquisa propriamente dita foi realizada.

Em um estudo sobre o contexto educacional, Ashley George (2013) nota as transformações decorrentes da presença da “situação de pesquisa” nas interações entre os participantes no contexto com os sujeitos pesquisadores. São, como destaca Camila Castro (2012, p. 205), “em ocasiões nas quais o indivíduo se apresenta diante de outros, seu comportamento tende a incorporar e exemplificar valores oficialmente reconhecidos pela sociedade”.

A partir da entrevista em grupo, buscou-se observar aspectos situacionais e meta-comunicativos que pareciam pautar, ou balizar, os diversos aspectos da conversa, influenciando no resultado obtido com as respostas no momento do encerramento.

Optou-se, como recurso metodológico, problematizar essa operação, buscando pensá-la a partir da comunicação – daí a necessidade de compreender a situação de pesquisa a partir de um ponto de vista comunicacional não como um jogo meta-teórico, mas como uma forma de atenção aos diversos elementos presentes no momento da pesquisa.

Como sintetiza Laura Rosenberg (2017, p. 88):

En numerosas ocasiones los investigadores nos vemos obligados a volver sobre nuestros pasos, a replantearnos los caminos e incluso a torcer el rumbo de la investigación. No se trata de reminiscencias que se restringen a completar biografías y diarios de campo; por el contrario, dar a conocer las dificultades y las decisiones que se toman durante el trabajo también permite comprender el entramado de estrategias que se implementan en el proceso, así como el análisis de la información recopilada.

A escolha pelo aporte teórico de Goffman foi feita durante os encaminhamentos relacionados à realização da pesquisa de campo. Seu acionamento foi, sobretudo, no sentido de definir um modo de olhar para um cenário que se apresentou, desde o início, em pequena escala. As condições encontradas para a realização do estudo, um único encontro de uma hora com os alunos, parecia demandar um referencial teórico que ressaltasse a importância do detalhe, da observação em tempo lento dos gestos, interações e atitudes como indício das relações comunicacionais estabelecidas.

Isso foi, portanto, além da realização da entrevista e procurando observar também as interações paralelas, verbais e não-verbais, responsáveis pela caracterização de um “momento”, conceito utilizado por Goffman (2014) para definir uma situação de interação delimitada por práticas mais ou menos ritualizadas. Mais ainda, suas posturas metodológicas contribuíram, no momento do campo, no sentido de indicar a necessidade de uma redobrada atenção da pesquisadora no que tange ao detalhamento de uma situação interacional que se apresentava em escala micro. O objetivo aqui, portanto, não

é discutir aspectos teóricos da sociologia de Goffman, mas pensá-los em sua operacionalização na prática de pesquisa – para discussões teóricas, remete-se aos estudos de Leeds-Hurwitz (2004), Winkin e Leeds-Hurwitz (2013), Carvalho (2011) ou Gastaldo (2008).

No que se seguem, o texto está dividido em três partes: (1) os bastidores de preparação para o campo na definição de critérios e contatos; (2) os momentos iniciais da interação, a apresentação entre pesquisadora e campo no espaço institucional e (3) a progressiva construção de uma familiaridade que torna possível o desencadear da pesquisa em si.

### **Antes do campo: as definições subjetivas da pesquisa**

A transformação do momento da pesquisa de campo em objeto de análise é pensada dentro de uma trilha de investigação, desenvolvida em trabalhos anteriores, como Martino e Marques (2017; 2018a; 2018b) nos quais se procura pensar essa situação particular de interação como um momento particularmente frutífero tanto em termos epistemológicos quanto comunicacionais. Problematizar a própria pesquisa é uma das formas de conhecer suas potencialidades e limites epistemológicos, trazendo para primeiro plano as questões que tendem a ficar implícitas na apresentação de resultados; como destaca Bourdieu (1983, p. 186), “não se entra na cozinha das ciências”.

É necessário também, nesse aspecto, entender a pesquisa de campo não apenas como um espaço idealmente objetivo de obtenção de dados para delinear ou responder uma determinada questão de investigação, mas como um momento de comunicação no encontro entre duas subjetividades, segundo destaca Caiafa (2019). Se, nas Ciências Sociais, em particular na Antropologia, essa problemática é discutida como um dos fundamentos da própria atividade, ao que parece as discussões sobre as relações intersubjetivas na prática da pesquisa em Comunicação não ocupam o mesmo lugar de destaque.

Essa situação se afirma, em particular, como condição de possibilidade para a prática de pesquisa sobretudo no sentido de pensá-la, em termos comunicacionais, como um momento privilegiado de encontro com uma alteridade da qual podem derivar, a partir do diálogo, conhecimentos específicos sobre o tema pesquisado, mas, ao mesmo tempo e de maneira mais ampla, saberes a respeito das práticas interacionais dentro da Comunicação. Do mesmo modo, as reflexões sobre a prática de pesquisa em graduação a partir da experiência de alunas e alunos ainda ocupam um espaço relativamente pequeno nos estudos da Área, sendo possível indicar, de saída, as proposições de Becker (2006), Guterres (2006) Miranda e Malcher (2011).

Isso não significa um recurso indiscriminado à subjetividade, na qual o relato de si ocuparia uma posição de narrativa privilegiada apenas por estar disponível em primeira mão: tratar o momento da pesquisa de campo como situação de comunicação é diferente de fazer um jogo metalinguístico mas, retomando a advertência de Bourdieu (1983), procurar encontrar as linhas de força do social que permeiam as práticas particulares, caminhando não no sentido de uma abstração a qualquer custo ou mesmo de uma universalização das situações, mas na discussão de situações particulares em contraste com as regularidades tensionais presentes nas práticas sociais.

Questões relacionadas à subjetividade de pesquisadoras e pesquisadores não costumam encontrar muito espaço nas discussões metodológicas sobre a investigação, ao menos na pesquisa em Comunicação. Essa opção pode ser creditada às derivações e ramificações disciplinares na origem das pesquisas da Área, caudatárias das formulações anteriores de outras áreas. Aspectos práticos da investigação parecem ser pensados mais em termos das técnicas de obtenção e análise de dados do que propriamente das questões relacionadas às condições da prática acadêmica ou dos aspectos subjetivos do pesquisador.

Dessa maneira, se havia uma situação de comunicação principal, estabelecida previamente – a realização de entrevistas com as crianças para a obtenção de informações sobre a circulação de fofocas no ambiente escolar – e voltada para o que se poderia indicar como a parte “objetiva” da pesquisa, observou-se ao mesmo tempo uma espécie de meta-comunicação, nas interações entre as crianças e delas com a pesquisadora, presente durante todo o tempo da pesquisa e que pareceu incidir diretamente sobre a elaboração das respostas e sua expressão naquele ambiente.

Imediatamente, no entanto, abre-se o risco de transformar a discussão da subjetividade no âmbito da pesquisa em uma extrapolação do biográfico ou das impressões de afeto imediatas como índices de uma prática, eliminando do pessoal uma dimensão que se quer particular ao mesmo tempo em que lhe é reivindicada uma validade acima de suas possibilidades e pretensões. Essa ressalva é feita no sentido de deixar patente, desde o início, os limites das proposições de discussão metodológicas elaboradas neste texto.

## **O estranhamento familiar com o campo**

Em termos cronológicos, o momento da pesquisa de campo costuma ser antecedido por uma série de providências para encontrar as condições de sua realização. Redes de contatos interpessoais e institucionais são mobilizadas no sentido de conseguir eventuais indicações e aberturas para a chegada ao campo – há toda uma trama envolvida

na delimitação do momento da pesquisa de campo e suas condições específicas. No caso deste estudo, acrescenta-se as precauções necessárias, em termos éticos e normativos, decorrentes da pesquisa ser realizada em ambiente escolar, como recorda André (2013).

Ao mesmo tempo, o aspecto institucional se apresenta como um dos pontos de maior interesse, sobretudo em diálogo com Goffman. Em certo sentido, a delimitação do campo estava feita em termos físicos e sociais, na medida em que se tratava de uma sala de aula previamente definida. Havia, portanto, uma fronteira entre um “dentro”, local da prática da pesquisa, e um “fora”, o ambiente escolar. O trânsito entre esses dois lugares aconteceu em dois níveis – a pesquisadora, vinda de uma exterioridade quase total, que apenas sua condição de ex-aluna da instituição amenizava, e uma diretora da instituição que foi apresentá-la para a sala de aula.

No cotidiano escolar, a presença de agentes da administração costuma indicar uma mudança na “definição de situação”, como Goffman (1974) denomina, em termos do “enquadramento”: a interrupção da situação regular de aula pela entrada de uma estranha acompanhada de uma presença institucional tende a colocar em jogo o enquadramento ordinário da situação “aula” gerando a pergunta definidora “o que está acontecendo?”. Para Goffman, essa questão é responsável pela definição que indivíduos e grupos fazem de uma situação, bem como as indicações imediatas para agir em relação a ela.

A impressão visual denota, imediatamente, a condição de exterioridade da pesquisadora. Há uma avaliação imediata entre os sujeitos envolvidos no processo, pautado em graus diferentes de familiaridade, que começa na relação dos alunos com a professora, em primeiro lugar, passando em seguida para a diretora e, finalmente, para a pesquisadora.

Todos os sujeitos presentes na interação comunicacional da pesquisa de campo influenciam a sua definição. O fato do pesquisador não fazer parte do grupo estudado, isto é, não ser um dos alunos, modifica a forma como essas pessoas irão agir. A “fachada” pessoal do pesquisador, por, em diversos sentidos, revelar que ele não faz parte do grupo pesquisado, interfere na interação. Segundo Goffman, essas características são lidas durante a interação e modificam a forma como cada sujeito se comunica com o outro.

O momento do aporte inicial é marcado por uma polidez mútua que demonstra, em sua artificialidade programada e esperada, o estabelecimento de uma formalidade destoante do cotidiano dos participantes, mas provocada, e entendida, pela presença das pessoas estranhas ao grupo - como lembra Blivitch (2013), instante fundamental na construção mútua de representações.

A apresentação desse novo sujeito em cena pode ser feita por um mediador que pode ter sua posição como um fator de interferência na definição do pesquisador frente

ao grupo. Na pesquisa, a apresentação foi como “ex-aluna da orientadora”. Ao tomar conhecimento desse fato, alguns alunos desviaram os rostos, trocaram olhares com a dupla e outros poucos demonstraram admiração. Como apontado pela orientadora, o grupo estava em uma idade em que se deseja uma independência e, portanto, evita-se a mediação dos adultos. O fato da pesquisadora ter sido apresentada por uma figura de autoridade é um possível motivo de afastamento que muito provavelmente influenciou na comunicação entre sujeitos e no resultado da pesquisa.

O instante inicial de desconhecimento recíproco é pautado sobre uma desigualdade prévia de informação: se a pesquisadora, professora e diretora sabiam da pesquisa, para os alunos essas presenças apenas quebravam o enquadramento esperado da aula, introduzindo um elemento de curiosidade frente às possibilidades abertas pela presença de uma estranha. Essa relação de proximidade e, ao mesmo tempo, de estranhamento, é indicada também por Miranda e Malcher (2011, p. 5) em uma reflexão sobre a iniciação científica em Comunicação, ao afirmarem que “uma das características inerentes à produção científica das Ciências Sociais é que o pesquisador vivencia uma observação participante, ou seja, este, como sujeito social, se apropria do conhecimento adquirido ao interagir com um dado contexto”.

Este primeiro momento parece ser marcadamente notado pelas expressões faciais de lado a lado, em uma interação dinâmica entre todos os envolvidos. Esse pode ter sido um dos motivos que levou alguns dos estudantes a olharem para a pesquisadora aguardando para serem escolhidos para falar e, depois que terminavam, olhavam de novo, possivelmente para ler sua reação em uma aparente busca pela aprovação da pessoa que eles possivelmente iriam se tornar. A oscilação dos olhares sugere a expectativa de que a inferida anormalidade da situação seja tornada compreensível a partir de uma explicação: a opacidade da situação inicial demanda, dos participantes, o apoio em qualquer indício para aumentar a legibilidade da cena e, em última instância, torná-la compreensível e eventualmente familiar.

A criação e preservação da representação inicial, a “face”, como denomina Goffman, é descrita por Mesquita e Costa (2018) como algo que “se traduz em vigilância constante em relação aos eventos aos quais se participam, de modo a assegurar a ordem expressiva do indivíduo”, na medida em que “a manutenção da representação é uma das condições da interação”.

O estranhamento é diminuído na etapa seguinte, momento da apresentação verbal, na qual expectativas podem ser tanto quebradas quanto reforçadas. Há, na apresentação feita, uma possibilidade de aproximação. A pesquisadora é uma ex-aluna da escola, e,

portanto, está na condição futura dos alunos. Há, portanto, uma possibilidade de identificação.

Além disso, a temática, “fofoca”, é parte constitutiva do universo das interações sociais e, portanto, reconhecida pela proximidade. Isso foi, muito provavelmente, um fator facilitador da conversa, pois, com exceção de cinco pessoas, os alunos se envolveram na discussão com opiniões, teorias e experiências pessoais. Conforme indicado pela orientadora, eles estavam em uma idade que se deseja ser uma pessoa independente e, portanto, evita-se a mediação de adultos adultos. Assim, o fato da pesquisadora ter sido apresentada por uma figura que não faz completamente parte do grupo, a apresentação teve um caráter de afastamento. Dessa forma, por estar na frente da classe, ser mais velha e ter sido apresentada pela orientadora e não um aluno, a pesquisadora gerou uma reação de afastamento na sala de aula evidenciado pelos desvios de rostos e trocas de olhares subsequentes à apresentação.

Após as apresentações, é comum, nos primeiros momentos da pesquisa, haver uma cuidadosa e gradual revelação. Nas palavras de Goffman (2013, p. 209), “quando os indivíduos não estão familiarizados com as opiniões e status dos outros, ocorre um processo de sondagem e, através dele, o indivíduo manifesta seus pontos de vista ou status a um outro pouco a pouco”.

Se os sujeitos da pesquisa não conhecem o pesquisador, como neste caso, é possível que não ocorra uma abertura rápida e completa. Primeiro ocorrerá uma observação de seu interlocutor e, aos poucos, suas opiniões, sentimentos e experiências podem ser reveladas. Essa característica foi evidenciada na pesquisa pelo fato de apenas três alunos terem compartilhado histórias pessoais para sustentar alguma de suas teorias e isso só ocorreu na segunda metade da conversa. O campo evidenciou, portanto, a gradual familiarização necessária em toda a conversa e, especialmente, em pesquisas acadêmicas nas quais se deseja, de forma geral, entender os sujeitos da pesquisa.

Um desafio da pesquisadora ou pesquisador é extrapolar o universo das experiências particulares sem perder de vista a singularidade das situações, ao mesmo tempo em que procura pontos de contato com experiências semelhantes sem uma pretensão de universalidade. Trata-se, a rigor, de uma articulação tensional entre dimensões subjetivas e sociais de experiências próximas, parecidas sem serem idênticas. A recusa à auto-evidência da prática de pesquisa sustenta-se, ao mesmo tempo, na problematização dessas mesmas práticas no sentido de encontrar nelas elementos comuns àqueles desenvolvidos dentro de um campo de pesquisa responsável pela formação do que poderia ser descrito como uma espécie, também, de habitus da pesquisadora ou pesquisador, como indicam Nogueira e Canaan (2009, p. 67).

Entender a situação de pesquisa como uma oportunidade de reflexão envolve recordar o contexto da interação, suas motivações institucionais e profissionais, bem como as implicações sociais e políticas das escolhas feitas pela pesquisadora ou pesquisador com interesse em uma determinada questão ou grupo.

### **Engajamento e produção de familiaridade durante a interação de campo**

O ambiente no qual se realiza a pesquisa de campo usualmente tem características próprias que geram expectativas específicas com relação ao comportamento tanto da pesquisadora como dos sujeitos da pesquisa. Há expectativas, nesses momentos, de existência de uma “ordem social”, para usar os termos de Goffman (1982) relacionados à interação. No início da pesquisa (Autora, 2019), ao fazer a primeira pergunta, os alunos a colocaram a pesquisadora em uma espécie de posição de autoridade ao levantar suas mãos e esperar que ela desse a permissão de fala. Isso evidencia como a interação e os resultados podem ser modificados com base nas categorias já conhecidas pelos sujeitos da pesquisa e no cenário onde se encontram.

Strauss (1989, p. 129) recorda que esse tipo de “intervenção”, como denomina, no âmbito das práticas de grupo são dirigidas à compreensão das posições existentes, levando em consideração fatores como “relações de autoridade, consenso a respeito das posições e suas fronteiras, grau de envolvimento e conflito, realidades formais e informais e em que grau as relações de grupo facilita ou dificulta o alcance de objetivos”.

Tendo isso em vista, pode ser proveitoso conhecer previamente as expectativas de padrões como esse, auxiliando a compreensão do universo de sentidos – e ações – dos sujeitos da pesquisa. Assim, todos os papéis são interpretados da forma considerada correta dentro do grupo e o pesquisador compreenderá seu papel. Nos termos de Goffman (2013, p. 22), esse “consenso operacional” será compreendido:

Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação que implica não tanto um acordo real sobre o que existe, mas antes um acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes à quais questões, serão temporariamente acatadas. Haverá também um acordo real quanto à conveniência de se evitar um conflito aberto de definições da situação.

Seguir esses padrões pode tanto facilitar a interação, mas não é garantia de sucesso do momento de campo – ao contrário, pode criar um afastamento a partir das concepções de quem está na situação. Quando o pesquisador aceita o papel atribuído pelos sujeitos da pesquisa, pode não ser considerado um igual. Isso dificulta a interação – no caso, na expectativa de fala dos alunos. Dessa forma, conhecer os padrões do grupo

pode ser proveitoso para o pesquisador pensar se irá segui-los ou não conforme seu interesse de pesquisa.

Essas expectativas de interação, seu seguimento ou ruptura, estão presentes não apenas na relação pesquisador-sujeitos de pesquisa, mas também na interação dos sujeitos entre si. O estabelecimento do diálogo, recorda Sanders (2012) representa um movimento posterior na construção reflexiva das identidades participantes da pesquisa. Não se trata mais da avaliação inicial dos gestos verbais e corporais da polidez, mas da atenção e da ressonância das falas proferidas de parte a parte que se tornam, a partir desse momento, o foco das interações. Marta Dynel (2011) igualmente destaca a importância do engajamento verbal na condução das interações dentro de uma situação de grupo no sentido de formar o que denomina como “rede de participação” em uma conversa.

Durante a representação, o indivíduo deve, segundo Goffman (2013, p. 54), representar um personagem e esconder os padrões que não se encaixam. Na pesquisa, por exemplo, um dos alunos supôs que qualquer comentário sobre o falar de ele ter um diário seria uma fofoca – mas, imediatamente, deixou reforçar que “não tem”. A ênfase evidencia a importância de manter uma fachada perante os colegas e indica como os resultados da pesquisa são modificados pela relação entre os próprios sujeitos. Relativizar esse aspecto da pesquisa requer entender os valores daquele grupo.

Essa regulação do comportamento interno do grupo pesquisado também pode se dar de forma direta, pois, muitas vezes o desvio é esperado. Para isso, pode haver uma figura de autoridade presente na cena para reorganizá-la. Esse é denominado por Goffman (2013, p. 111) como “diretor de cena”, que “pode ter a obrigação específica de trazer de volta à linha adotada qualquer membro da equipe cuja representação se torne inconveniente”. Essa figura, na pesquisa, foi a orientadora educacional. Quando os alunos levantaram de seus lugares, riram alto e conversarem, a figura de autoridade conseguiu rapidamente restabelecer o silêncio e evitar novos desvios ao mudar os alunos de lugar. Por mais que os erros não tenham sido planejados, a presença da orientadora antes dos desvios indica que esses já eram esperados pela equipe.

A pesquisa de campo possui, pois, diversos elementos interacionais que mantêm uma linha de ação padronizada, que podem aparecer tanto sutilmente na conversa com os sujeitos da pesquisa quanto diretamente na interação com possíveis agentes reguladores da cena.

## Considerações finais

Problematizar as práticas metodológicas é uma possibilidade de dar voz aos erros, hesitações, dúvidas, questionamentos e auto-questionamentos presentes nas práticas de pesquisa, mas às vezes deixados de lado diante da apresentação de resultados. Tanto quanto a discussão metodológica necessária à contínua elaboração das práticas da área, parece ser necessário trazer à tona aspectos implicados da subjetividade nas práticas de pesquisa, que, se não são visíveis, certamente parecem influir em seu andamento e conclusões, como discutem Corazza (1996) ou Negrão (2014).

Desenvolver os vínculos necessários para a realização da pesquisa não é simples, especialmente quando se enfrenta a situação pela primeira vez. Por isso, este texto trouxe à tona alguns dos pontos que compõe o momento inicial do campo: o da apresentação, as primeiras comparações com a bibliografia, da identificação dos pontos de afastamento e aproximação, da leitura da posição do grupo e da pesquisadora nesse novo meio, da reação dos sujeitos de pesquisa perante a figura nova que se apresenta – em resumo, as inúmeras informações que o pesquisador tenta ler enquanto aprende a fazer a pesquisa.

Isso gera uma tensão para além do desconforto habitual das interações em que está presente uma pessoa desconhecida. Esse momento inicial é, portanto, caracterizado por uma tensão tanto por parte dos sujeitos da pesquisa que estão lidando com uma pessoa não pertencente à cena usual, quanto por parte desse indivíduo, o pesquisador, que não apenas está no processo de entender a situação assim como os demais, como também está aprendendo o que é a pesquisa de campo.

Embora dúvidas e hesitações possam encontrar espaço em todos os níveis da pesquisa acadêmica, a opção por problematizar um trabalho de graduação decorre da possibilidade de compreensão de uma etapa do processo formativo no qual o encontro com as situações de campo, pelo ineditismo da prática, se apresenta particularmente como espaço de tateamento experimental, presente na singularidade de cada investigação.

## Referências

- André, Marli. E. D. A. (2013). *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus.
- Becker, F. (2006). *Reflexões de um quinto de pesquisadora*. In Maldonado, A. E. et alli. Metodologias de Pesquisa em Comunicação. Porto Alegre: Sulina.
- Bourdieu, Pierre. (1983). *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Carvalho, Carlos A. (2011). *Aportes para a concepção do conceito goffmaniano de enquadramento e suas interconexões com a noção de contexto*. XX Encontro da Compós. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 14 a 17 de junho de 2011.
- Castro, Camila P. (2012). Ordem da interação, embaraço e agência do self na obra de Erving Goffman. *Teoria & Sociedade*, 1(20), 198-217.

- Corazza, Sandra. M. (1996). Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In Costa, M. V. *Caminhos investigativos*. Porto Alegre: Ed. Mediação.
- Dynel, Marta. (2011). Revisiting Goffman's postulates on participant statuses in verbal interaction. *Language and linguistics compas*, 7(5), 454-465.
- Gastaldo, E. (2004). Goffman, descobridor do cotidiano. Rio de Janeiro: *Tomo*.
- George, Ashley J. (2013). Presenting the self: an interactive approach to teaching interpersonal awareness and maintaining face. *Communication teacher*, 27(2), 81-84.
- Goffman, Erving. (2013). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- Goffman, Erving. (2014). *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis: Vozes.
- Goffman, Erving. (1989) On Fieldwork. *Journal of Contemporary Ethnography*, 18(2), 123-132.
- Guterres, A. (2006). Bolsista de iniciação científica: a ponte entre o cidadão e o pesquisador. In Maldonado, A. E. et alli. *Metodologias de Pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina.
- Leeds-Hurwitz, W. (2004) Erving Goffman as communication theorist. *Encontro Anual da ICA*. Nova Orleans: Anais... Nova Orleans.
- Mesquita, Ana C. V., & Costa, Rafael R. (2018). A interferência da construção e manutenção das fachadas e das narrativas de vida na visão da "vida real". *XL INTERCOM*. Anais... Joinville: 2 a 8 de setembro.
- Miranda, F. C., & Malcher, M. A. (2011) Projeto de Pesquisa CIECz: um "ritual" de iniciação científica. *X Intercom Norte*. Anais... Boa Vista: 01 a 03 de junho.
- Negrão, S. M. V. (2014) A construção da tese: caminhos traçados e sentimentalmente seguidos. In Maciel, L. S. M., Vieira, R. A., Souza, F. C. L. (Orgs.) *Pesquisa em educação: diferentes abordagens teórico-metodológicas*. Maringá: Ed. UEM.
- Nogueira, M. A., & Canaan, M. G. (2009). *Os "iniciados": bolsistas de iniciação científica e suas trajetórias acadêmicas*. *Tomo*, 1(15), 41-70.
- Rosenberg, Laura. (2017). Etnografía del trabajo periodístico. *Comunicación y Sociedad*, 28, 87-109.
- Sanders, Robert E. (2012). The representation of self through the dialogic properties of talk and conduct. *Language and dialogue*, 1(2), 28-40.
- Strauss, Roger A. (1989) Changing the definition of the situation. *The development of Clinical and Applied Sociology*. 7(1), 123-135.
- Winkin, Y., & Leeds-Hurwitz, N. (2013). *Erving Goffman*. Nova York: Peter Lang.

**ABSTRACT:**

This article outlines some methodological issues raised during an undergraduate research in Communication on gossip in the school environment conducted at a private institution in São Paulo. The focus, grounded on Goffman's micro-analysis, is the initial interaction between the researcher and the classroom where the interview was conducted. Three moments are highlighted: (1) the research backstage and the subjective preparation for the field; (2) the arrival and mutual presentation between the subject-researcher and the participants and (3) the establishment of a situation of acceptance and familiarity from which the research itself was carried out. These elements are discussed against the background of the methodological issues of the Communication.

**KEYWORDS:** Communication; Methodology; Field Research; Subjectivity; Undergraduate Research.

**RESUMEN:**

Este artículo describe algunas cuestiones metodológicas planteadas durante una investigación de pregrado en Comunicación sobre chismes en el entorno escolar realizada en una institución privada en São Paulo. El enfoque del texto, en la perspectiva del microanálisis de Goffman, es el momento inicial de interacción entre el sujeto investigador y la clase de estudiantes de la entrevista. Se destacan tres momentos: (1) detrás de escena de la investigación y la preparación subjetiva para el campo; (2) la llegada y presentación mutua entre el sujeto investigador y los participantes y (3) el establecimiento de una situación de aceptación y familiaridad a partir de la cual se llevó a cabo la investigación. Estos elementos se discuten en el contexto de los problemas metodológicos de la Comunicación.

**PALABRAS CLAVE:** Comunicación; Metodología; Pesquisa de Campo; Subjectividad; Pesquisa em graduação.